

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Gabrielly de Souza da Costa Mesquita

**A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA COMO FATOR SOCIAL
EXCLUDENTE PARA A FORMAÇÃO DE RELAÇÕES AFETIVAS A PARTIR
DO RACISMO ESTRUTURAL**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Professora Amanda Muniz Oliveira

Juiz de Fora

2024

**DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA
E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, Gabrielly de Souza da Costa Mesquita, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202273002A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "**A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA COMO FATOR SOCIAL EXCLUDENTE PARA A FORMAÇÃO DE RELAÇÕES AFETIVAS A PARTIR DO RACISMO ESTRUTURAL**", desenvolvido durante o período de março de 2024 a setembro de 2024 sob a orientação de Amanda Muniz Oliveira, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 8 de outubro de 2024

Gabrielly de Souza da Costa Mesquita

A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA COMO FATOR SOCIAL EXCLUDENTE PARA A FORMAÇÃO DE RELAÇÕES AFETIVAS A PARTIR DO RACISMO ESTRUTURAL

Gabrielly de Souza da Costa Mesquita

Resumo:

Este artigo tem como objetivo dissertar a solidão da mulher negra no Brasil, analisando suas raízes históricas e implicações contemporâneas. A pesquisa argumenta que a marginalização e a desumanização das mulheres negras têm origens profundas na estrutura racista e colonial da sociedade brasileira, que perdura até os dias atuais. Como objetivo de pesquisa o questionamento do porque mulheres negras são menos preteridas em relações amorosas. A solidão pode ser entendida como uma forma de excluir a mulher de cor do mercado afetivo pois ela não se enquadra dentro dos padrões impostos na nossa sociedade. Esse fenômeno está relacionado ao racismo estrutural que seria a forma como o Brasil atual se formou, a partir de uma perspectiva de um ideal colonizador, com teoria misóginas e que por muito tempo foram pautas para tentar embranquecer a população, pois por conta dos anos de escravização o negro não era visto como digno para viver em sociedade junto com pessoas brancas, pois a figura dele sempre era atrelada a animalização e por conta de disso enfrentamos até hoje o que chamamos de racismo estrutural.

Palavras chave: solidão, mulher negra, racismo, afeto, herança colonial.

1. Introdução:

Este trabalho tem como objetivo dissertar sobre a chamada solidão da mulher negra, entendida como uma forma de excluir a mulher preta do mercado afetivo pois ela não se enquadra dentro dos padrões impostos na nossa sociedade. Esse fenômeno está relacionado ao racismo estrutural que seria a forma como o Brasil atual se formou, a partir de uma perspectiva de um ideal colonizador, com teoria misóginas e que por muito tempo foi pauta para tentar embranquecer a população, pois por conta dos anos de escravização o negro não era visto como digno para viver em sociedade junto com pessoas brancas, pois a figura dele sempre era atrelada a animalização e por conta de disso enfrentamos até hoje o que chamamos de racismo estrutural. Não podemos nos esquecer, ainda, que o Brasil é um país de herança colonial que seria o que gera o racismo estrutural, pois para se falar da história do país é impossível não falar sobre racismo, pois por muitos anos os povos negros foram trazidos para o Brasil para sofrer abusos, trabalhos forçados, tuturas e terem sua identidade apagada.

Ao decorrer dessa pesquisa mostrarei como o racismo estrutural implica diretamente com a solidão da mulher negra, em como faz com que ela seja a menos favorecida e esteja a base social, até porque ainda hoje o Brasil tem uma grande dificuldade de enxergar o racismo em determinadas atitudes banalizando então a denúncia da vítima. Escolho o racismo estrutural para tratar da solidão da mulher negra,

pois não é possível contar a história do país sem falar de racismos e nem tão pouco falar¹sobre as dificuldades enfrentadas por elas, sem contar dos anos de abuso, racismo, e

machismo enfrentados. Esse artigo está dividido em três tópicos: A formação do Brasil racista; a mulher negra como maior vítima do racismo e machismo; a solidão tem cor.

Fazendo então uma reflexão crítica sobre o racismo Estrutural e suas implicações destacando como o racismo estrutural moldou a sociedade brasileira, desde o período colonial até os dias atuais, impactando diretamente a vivência das mulheres negras. Aprofundando a discussão da solidão da mulher negra, podendo explorar mais detalhadamente como o racismo estrutural se manifesta nas relações afetivas e na vida cotidiana das mulheres negras. Estudos de caso e pesquisas adicionais podem fornecer uma compreensão mais profunda das experiências individuais e coletivas. Análise da Interseccionalidade entre racismo e machismo demonstrando a interseccionalidade entre racismo e machismo como fatores que contribuem para a solidão das mulheres negras. A contribuição esperada é uma análise mais detalhada dessa interseccionalidade, explorando como esses sistemas de opressão se entrelaçam e afetam a vida das mulheres negras em diferentes contextos. Isso pode incluir estudos sobre a interseção de gênero e raça em ambientes de trabalho, educação e vida familiar.

2. Desenvolvimento

2.1 A formação do Brasil racista

O conceito de raça começa ser desenvolvido e visto com a colonização, a partir do momento em que raça começa ser um fato determinante para assim separar a sociedade em raça superior que seriam os brancos e raça inferior que seriam os negros e indígenas, essa separação se dava baseado na cultural e nas aparências biológicas. Almeida (2019) aborda a ideia de que a noção de raça é utilizada como uma forma de controle social, legitimando práticas discriminatórias e justificando a exclusão de determinados grupos. Ele propõe uma reavaliação do entendimento sobre raça, enfatizando a necessidade de uma abordagem crítica que considere as interseções entre raça, classe, gênero e outras dimensões da identidade social.

Mas quando se trata do racismo racial ele advém do conceito de raça, Almeida (2019) destaca que o racismo estrutural não se limita a ações explícitas de discriminação, mas está enraizado nas relações sociais e na cultura. Isso significa que as desigualdades raciais se reproduzem de forma contínua, criando um ciclo de exclusão e marginalização da população negra e de outras minorias étnicas. A ideia é que, para combater o racismo, é necessário entender e desconstruir essas estruturas que sustentam a opressão.

Para compreender melhor o conceito da solidão da mulher negra é necessário voltar um pouco à história de como o Brasil se formou e qual era o papel da mulher preta nessa sociedade. A mulher negra na sociedade sempre teve um lugar de descriminalização e marginalização por conta de uma herança colonial que resultou historicamente no racismo estrutural. Isso implica diretamente no mercado afetivo, uma vez que, durante todo o período de escravidão mulheres pretas foram sexualizadas e estupradas por homens brancos originando assim a miscigenação, como demonstra Yanê (2022) “É como se, de alguma forma, o fato de homens portugueses terem tido filhos com mulheres indígenas e negras suavizasse a estruturação racista sobre a qual nossa sociedade se formou.”

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Amanda Muniz Oliveira

(SANTOS, Yanê Lopes dos 2022, p.76). Não sendo dignas de afeto e nem humanizadas pela sociedade da época.

Isso acontece porque, como cita Gonzalez (2019), "A mulher negra é vista pelo restante da sociedade a partir de dois tipos de qualificação 'profissional': doméstica e mulata. A profissão de "mulata" é uma das mais recentes criações do sistema hegemônico no sentido de um tipo especial de 'mercado de trabalho' [...] produto de exportação." Pacheco (2008) cita que:

As mulheres negras (pardas+ pretas) são as menos preferidas para uma união afetiva estável pelos homens negros e brancos, e, por isso, perdem na disputa matrimonial-afetiva para as mulheres brancas; como resultante desta disputa, haveria um excedente de mulheres negras solitárias, sem parceiros para contraírem uma união. (2008, p.5)

A história do Brasil é marcada pela escravidão que se perpetuou durante 388 anos. "O Brasil recebeu, sozinho, quase 5 milhões de africanos cativos, 40% do total de 12,5 milhões embarcados para a América. (MONTEIRO; MELO, 2023, p. 24) A escravidão foi extremamente lucrativa nessa época para os senhores de engenho, causando muitos impactos negativos caso chegasse ao fim para aqueles que tinham como renda o comércio transatlântico. Durante o período da escravidão brasileira, houve tempos em que a rentabilidade média do tráfico negreiro chegou a 20%, era a mais alta mundialmente (Brum, 1998). Neste período, a rentabilidade média do tráfico negreiro era maior, até mesmo, que a comercialização de café, que rendia, no máximo, 15%. (MONTEIRO; MELO, 2023, p. 14)

Segundo Malheiro (1866), o escravo era tratado como mercadoria e não tinha direitos jurídicos e sociais. Era propriedade de seu senhor e devia-lhe total submissão, sem medidas protetivas por força de lei. (MONTEIRO; MELO, 2023, p.5) De acordo com SANTOS(2022 , p.122) "A Carta Constitucional foi o primeiro grande pacto social do Brasil soberano a se colocar a favor da escravidão. Mas não foi o único. Ao longo do século XIX, foram produzidos instrumentos jurídicos que viabilizariam o sucesso dessa aposta. O Código Criminal, elaborado em 1830, é um exemplo disso. Ali, a palavra escravo aparece em algumas ocasiões que reforçam dois aspectos centrais da Constituição de 1824." A partir disso é necessário entender como a formação da sociedade racista se deu a partir de um racismo estrutural, afinal, não é possível contar a história do Brasil sem que seja falando de racismo mas que mesmo assim ele se mostra de diferentes formas na sociedade, mudando conforme muda a formação da civilização, como demonstra Santos(2022 , p.15)

A primeira é que não há história do Brasil sem racismo. A segunda é que esse atravessamento aconteceu de formas distintas ao longo do tempo, pois o racismo é um sistema de poder e de opressão historicamente construído. Acredito que ao trabalhar a permanência e as mudanças do racismo no Brasil, podemos nos distanciar dessa aura falaciosa de naturalidade criada pela lógica racista e compreender com mais profundidade as engrenagens desse sistema.

Portanto é necessário entender que o racismo é sempre estrutural, ou seja, algo que faz parte do cotidiano dentro da sociedade, mesmo que não seja perceptível para muitos, caindo no conceito de "opinião" e não sendo visto pela maioria como preconceito, se tornando algo que integra a sociedade baseado em achismo, invalidando então a denúncia da vítima como demonstra a autora Santos (2022). "A dificuldade em determinar o sujeito da ação racista invalida a denúncia, banalizando não só a atitude da vítima, mas também a queixa e o ato discriminatório em si. Uma fórmula perfeita para manter bem azeitado o funcionamento do racismo brasileiro." (SANTOS, 2022, p.13). [BG2] Mas é também algo

político, que fornece a lógica para promover desigualdades e violência que moldam o mundo contemporâneo; como diz Almeida (2019)

O racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. (ALMEIDA, 2019, p. 15).

A formação da população mestiça no Brasil se deu a partir de violência e estupro que mulheres pretas escravizadas sofriam de seus senhores de engenho como cita Gonzalez (2019) “Na verdade, grande contingente de brasileiros mestiços resultou de estupro, de violentação, de manipulação sexual da escrava. Dando os preconceitos e os mitos à mulher negra: de que é “boa de cama “(mito da mulata) etc e tal.” (GONZALEZ, 2020, p. 14 - 15). Naturalizando assim a criação da democracia racial que é tratado pela primeira vez por Gilberto Freyre em 1933 em sua obra “Casa Grande e Senzala” que foi um grande marco da época para os intelectuais do estudos sociais brasileiros, esse mito traz a ideia de que mesmo que exista uma segregação racial, as raças viveriam em harmonia e não existiriam então conflitos raciais, mas na verdade isso é somente uma forma de minimizar e esconder o racismo existente no Brasil. A partir da década de 1950 se tornaria um mito com as ideias de Florestan Fernandes esse mito diz que, pelo Brasil ter grande parcela da população preta e mestiça, automaticamente isso faria com que não existisse racismo no país, como demonstra no trecho abaixo:

De tal modo, Casa-grande & senzala recuperou o “mito das três raças” e enalteceu os três troncos raciais que teriam formado o país — tudo isso reforçando as hierarquias existentes. O título da obra é muito sugestivo da abordagem de Freyre: os diferentes grupos culturais são sublinhados, contanto que todos permanecessem nos lugares sociais aos quais foram designados. Senhores e suas famílias brancas na casa-grande. Escravizados e seus descendentes na senzala. Temos aqui os ingredientes do mito da democracia racial. (SANTOS, 2022, p.208-209)

O racismo hoje no Brasil se dá também porque a todo momento na nossa história foi nos ensinado que o lugar da pessoa preta não seria um lugar digno da sociedade, onde eles seriam vistos como inferiores aos homens brancos, afinal durante todo período colonial os negros seriam aqueles que precisavam de salvação religiosa e social. Frantz Fanon (2020) trata a psique do negro que é formada a partir da colonização, em como existe uma grande busca para se enquadrar na cultural e no padrão do branco para ser aceito perante a sociedade que os marginaliza. Ele traz tanto quanto o racismo dos colonizadores, quanto a auto rejeição dos colonizados, mostrando que até mesmo língua usada nesse período é também uma forma de repressão porque também gera a perda de identidade, como cita abaixo SANTOS(2022 , p.134)

Se isso não bastasse, o desenvolvimento de teorias racistas parecia cair como uma luva para os argumentos que defendiam a venda de carne humana não qualquer uma, mas a negra, vale lembrar. Africanos e seus descendentes eram vistos como seres biologicamente inferiores, pessoas que viviam em estado de selvageria. O tráfico e a consequente escravização eram tidos como formas eficazes de salvar essa gente, já que tais medidas garantiriam sua inserção no mundo civilizado.

O conceito de raça é um fator político que foi criado para naturalizar desigualdades para aqueles que são vistos como minoria na sociedade, a partir de duas características, as biológicas que vem a partir do fenótipo dessa população ou então étnico- racial que seria a partir da cultura, língua ou até mesmo localização geográfica. Para que se tenha o entendimento do conceito de racismo é necessário primeiro entender o conceito de raça,

pois é ele que está atrelado ao preconceito, como cita Almeida (2019).” Para se falar de racismo é necessário o entendimento do conceito de raça, que é atrelado para o uso de preconceito e discriminação. A raça opera como duas formas: característica biológica que é atrelada a algum tipo de característica física ou então característica étnico- racial que é atrelada a alguma localização geográfica, de religião ou até mesmo de língua.”(ALMEIDA, 2019, p. 22-23)

Portanto, a partir disso a construção do conceito “a solidão da mulher negra” começa a ser mais discutida a partir de uma análise feita pela UNICAMP pela pesquisadora Elza Berquó em 1987, em que foi perceptível os padrões de nupcialidade entre os sexos, olhando principalmente para as diferenças étnico- raciais. Para que exista o entendimento do termo da solidão da mulher negra é necessário entender que ela existe por conta de uma formação racista da sociedade.

Portanto, pretendo realizar uma pesquisa qualitativa com a análise de diversas obras que retratam o porquê a mulher preta seria a menos preterida em uma relação. Iniciando recortes históricos desde a colonização como mostrado acima, demonstrando como as mulheres pretas foram desumanizadas dentro daquela sociedade e com passar do tempo a imagem delas ainda é atrelada a aquela violência e aquele lugar não digno de afeto amoroso e isso será analisado ao decorrer dos próximos capítulos.

2.2 A mulher negra como a maior vítima do machismo e do racismo

Quando se fala do lugar da mulher negra no Brasil é perceptível notar que compõem cerca de ¼ da nossa população, mas ainda hoje correspondem também aos maiores índices de violência doméstica, coerção do Estado e enfrentam também a solidão afetiva. Como cita Mizael, T. M., Barrozo, S. C. V., & Hunziker, M. H. L. (2021) De acordo com o dossiê “Mulheres negras e violência doméstica: Decodificando os números”, [BG5] existem mais de 53 milhões de mulheres negras no Brasil. Apesar de constituírem, aproximadamente, um quarto da população brasileira, as mulheres negras se encontram na base em diversos indicadores sociais.” A partir da Síntese de Indicadores Sociais feita pelo IBGE (2018) dos 28% de pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza, 34,8% deles são mulheres pretas e pardas, ou seja, sua maioria. Sendo a maioria também que vivem sem acesso a condições básicas e políticas públicas, e de acordo com o (IPEA, 2019) são as principais vítimas de tráfico de mulheres, homicídios e feminicídios.

A partir da interseccionalidade que seria uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras T. M., Barrozo, S. C. V., & Hunziker, M. H. L. (2021). Mizael, T. M., Barrozo, S. C. V., & Hunziker, M. H. L. (2021). (2021, p. 214 apud CRENSHAW, 2002, p. 177). “Nesse sentido, esse fenômeno tem sido considerado uma das consequências de uma sociedade racista e machista, ou seja, da intersecção entre marcadores sociais de gênero e raça apresentada anteriormente”.

Gonzalez (2020) destaca que as mulheres negras frequentemente são invisibilizadas em movimentos feministas que não consideram as especificidades de sua luta. Essa falta de representatividade gera uma sensação de solidão, pois elas se encontram em um espaço onde suas experiências e necessidades são ignoradas. Essa solidão é acentuada pela falta de apoio social e pelo racismo institucional que marginaliza suas vozes e realidades. Ela argumenta que a experiência da mulher negra não pode ser compreendida

apenas através do prisma do gênero ou da raça isoladamente, mas sim como uma intersecção dessas identidades. A solidão da mulher negra, portanto, deve ser vista à luz dessas múltiplas opressões que se entrelaçam em sua vida. A interseccionalidade é um conceito que se refere à análise das interações entre diferentes formas de opressão e discriminação, considerando como essas identidades se cruzam e se influenciam mutuamente

Os estereótipos sexuais relacionados a imagem da mulher negra advém do racismo que se ganhou forma por conta dos anos de escravização, fazendo com que as mulheres pretas sejam as últimas opções para se construir relacionamentos amorosos, servindo apenas para satisfazer prazeres sexuais enquanto mulheres brancas se enquadram dentro do padrão nupcial, gerando então a miscigenação do Brasil atual que em sua maioria parte da preferência de homens pretos a se relacionar com mulheres brancas do que ao contrário. Como demonstra Telles (2003) “A miscigenação, alguns argumentam, ocorreu apenas entre pessoas de classe social distinta durante a escravidão e, atualmente, ocorre apenas para satisfazer o prazer sexual dos brancos, sem intenção de relacionamentos sérios”. Essa ideia ainda é muito atrelada aos aspectos dos senhores de engenho que usavam e abusavam sexualmente o corpo das escravas, até que elas não o servissem mais.

2.3 A solidão tem cor

Oliveira (2018 , p.56) diz que “As relações inter-raciais reproduziam em menor núcleo os reflexos da sociedade pós-abolição da época, que permanecia racista”. Existe o falso ideal de que a relação inter-racial formada pelo homem preto gera uma ascensão social, permanecendo então uma estrutura criada pós- abolição, pois aquela imagem atrelada a animalização dos escravizados, que não eram dignos de afeto se perpetuou, fazendo com que muitas das vezes homens negros busquem relações com mulheres brancas para que consigam se enquadrar dentro do padrão da sociedade que por muitos anos teve a branquitude como base social, pois o poder era dado exclusivamente as pessoas brancas.

Nos anos de 1990 houve uma pesquisa feita pelo IBGE em que mulheres brancas se casavam 11 % mais do que mulheres pretas, já as pardas estariam no meio entre negras e brancas (Petrucelli 1990). No que se refere a casamento, o IBGE de 2013 mostrou desmistificando a ideia de miscigenação no Brasil - que 70% dos casamentos no país ocorrem entre pessoas da mesma cor e que as mulheres pretas (à época, 7% da população) são as que menos se casam. Ainda segundo o IBGE de 2010, 52% da população feminina preta não vivia união estável, ou seja, era solteira, sendo que as mulheres pretas com mais de 50 anos estavam na categoria “celibato definitivo”, o que significa que nunca viveram um relacionamento estável. (Jardim, M. C., & Paoliello, R. M. 2022, p.91-92)

Porém, já como demonstrado por Florestan Fernandes em 1978, existiam outras formas de solidão, quando o autor percebe que a mulher negra enfrentaria a solidão de muitas das vezes ser a dona de casa e a base familiar, pois seus filhos sofriam com a ausência paterna. Demonstrando que a maior parte dos lares brasileiros são chefiados por mulheres negras. Como cita abaixo:

O IPEA de 2013 mostrou, mais uma vez, que essas mulheres não possuem companheiro, quando pontua que 51,1 % dos lares brasileiros são chefiados por mulheres pretas. O protagonismo da mulher preta já havia sido sublinhado por Florestan Fernandes, em 1978, quando o autor percebe que a mulher preta seria a base para a sustentação da família negra e que, mesmo sozinha, chefiava a família econômica e educacionalmente. Uma outra forma de perceber a afetividade de mulheres pretas é pelo número de mães solo. De acordo com os dados do IBGE de 2020, o Brasil tem 11,4 milhões de

famílias formadas por mães solo, sendo que a grande maioria delas é preta, ou seja, 7,4 milhões. Nessa mesma direção, o Mapa da Violência de 2015 demonstra que as principais vítimas de violência de gênero são as mulheres e as meninas pretas. Por fim, Carneiro (2017) informa que o levantamento na Secretaria Especial de Políticas para Mulheres para o ano de 2016 demonstra que 59,71% das mulheres que relataram casos de violência doméstica pelo Ligue 180 eram pretas. (Jardim, M. C., & Paoliello, R. M. 2022, p.92)

Muitas vezes para escapar da solidão, as mulheres acabam se submetendo ao papel de amantes, ficantes ou ao sexo casual. Em busca de qualquer algo que signifique o menor sinal de afeto que para muitos as vezes possa significar a liberdade sexual, para mulheres pretas as vezes é somente a busca pelo fim da solidão que é consolidada por toda sua vida, fazendo com que muita das vezes fiquem suscetíveis a relações abusivas. “ No caso estudado, essa cumplicidade acontece quando as mulheres aceitam relacionamentos sem compromisso (amantes, ficantes, sexo casual), não por desejo ou por liberdade sexual, mas, ao contrário, como forma de fugir da solidão afetiva que lhes é imposta.” (Jardim, M. C., & Paoliello, R. M. 2022, p.94)

Conclusão:

Portanto, conclui-se que, existem diversas formas que a mulher negra pode sofrer com a solidão como por exemplo se submeter às relações abusivas em busca de afeto, serem o maior índice de violência doméstica ou Estatal ou até mesmo sofrer com a maternidade solo, mas em que sua maioria advém por conta do racismo enraizado no Brasil atual. Por muitos anos em um contexto colonial, as mulheres pretas além de serem escravizadas, sofriam abusos recorrentes dos senhores de engenho pois eram vistas apenas como objetos sexuais a fim de satisfazer o homem, não sendo dignas de afeto. E mesmo que a escravização no Brasil tenha sido abolida a muitos anos, isso permanece na nossa sociedade moderna, a população preta sempre foi marginalizada e vive até os dias atuais coagido diante ao Estado, e para as mulheres que além de sofrerem com o racismo enfrentam diariamente o machismo.

A análise da solidão da mulher negra no Brasil revela um fenômeno profundamente enraizado na estrutura histórica e social do país. O racismo estrutural, oriundo da herança colonial e perpetuado por práticas e ideologias que desumanizam e marginalizam as pessoas negras, têm um impacto direto na formação de relações afetivas e na vivência da solidão para as mulheres negras.

A importância desta pesquisa reside na necessidade de entender as múltiplas dimensões da solidão da mulher negra, que é muitas vezes invisibilizada e desconsiderada nas análises sociais e acadêmicas. Ao iluminar as raízes históricas e estruturais desse fenômeno, a pesquisa visa contribuir para uma maior compreensão dos desafios enfrentados pelas mulheres negras e oferecer subsídios para a formulação de políticas públicas mais eficazes e inclusivas. Além disso, ao abordar a interseccionalidade do racismo e do machismo, a pesquisa pretende promover uma discussão mais ampla sobre como essas formas de opressão se entrelaçam e afetam a vida das mulheres negras no Brasil.

Historicamente, a desumanização das mulheres negras foi promovida pela escravidão e suas consequências, resultando em estereótipos prejudiciais e uma invisibilização das suas necessidades emocionais e afetivas. Esses estereótipos ainda moldam a percepção social, influenciando negativamente a forma como essas mulheres são vistas nas esferas afetiva e social. A preferência por mulheres brancas e a marginalização das mulheres negras em contextos de relacionamento são reflexos dessa herança.

Os dados e análises apresentadas mostram que as mulheres negras enfrentam uma dupla carga de discriminação: o racismo e o machismo. Isso se traduz em maior vulnerabilidade a situações de violência, pobreza e exclusão social. A interseccionalidade desses fatores contribui para uma realidade onde a solidão não é apenas uma questão de falta de companhia, mas uma expressão de uma série de desigualdades estruturais que se manifestam em diversos aspectos de suas vidas.

Portanto, para abordar efetivamente a solidão das mulheres negras e promover mudanças significativas, é crucial reconhecer a profundidade do racismo estrutural e suas implicações nas dinâmicas afetivas e sociais. Políticas públicas e ações sociais devem considerar essas interseccionalidades e buscar transformar as estruturas que perpetuam a desigualdade. A construção de um ambiente mais inclusivo e justo requer uma reflexão contínua sobre a história, o presente e o papel das mulheres negras na sociedade, para que possam ter acesso pleno ao afeto e à dignidade que lhes é devido, para que deixem de ser desumanizadas.

Referências:

VIEIRA, Camilla Gabrielle Gomes. **Experiências de solidão da mulher negra como repercussão do racismo estrutural brasileiro.** *Pretextos* (Belo Horizonte), v. 5, n. 10, p. 23-45, mar. 2021.

CHAI, C. G.; MORAES, V. H. S.; SOUZA, K. S. D.; RAMOS, F. F. D. C. **Interseccionalidades da escravidão contemporânea da mulher negra à luz do pensamento decolonial: trabalho, determinantes e desigualdades sociais.** *Cadernos EBAPE.BR*, v. 21, n. 3, p. 789-812, 2023.

ARAUJO, A. S. **A mulher negra no pós-abolição.** Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as* (ABPN), v. 5, n. 9, p. 22-23, 2013. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/234>. Acesso em: 3 set. 2024.

PERES, E. **Ler, escrever e contar entre mulheres escravizadas.** *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 22, n. 1, p. e208, jul. 2022.

OLIVEIRA DA SILVA, E. W.; STEN, B.; LIMA, K. de O.; SANTOS LIMA, A. J. **Os velhos caminhos na solidão da mulher negra.** Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as* (ABPN), v. 14, n. 39, p. 522-545, 2022. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1322>. Acesso em: 3 set. 2024.

MONTEIRO, J. P. V.; MELO, V. P. Z. D. **Registros contábeis e escravatura no Brasil oitocentista: uma abordagem histórica**. Cadernos EBAPE.BR*, v. 21, n. 3, p. 489-503, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395120220066>. Acesso em: 3 set. 2024.

OLIVEIRA, Ilzver de Matos; SANTOS, Nayara Cristina Santana. **Solidão tem cor? Uma análise sobre a afetividade das mulheres negras**. Interfaces Científicas - Humanas e Sociais*, v. 7, n. 2, p. 9-20, 2018. DOI: 10.17564/2316-3801.2018v7n2p9-20. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/4463>. Acesso em: 3 set. 2024.

MIZAEL, T. M.; BARROZO, S. C. V.; HUNZIKER, M. H. L. **Solidão da mulher negra: uma revisão da literatura**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 13, n. 38, p. 212-239, 2021. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1270>. Acesso em: 3 set. 2024.

JARDIM, Maria Chaves; PAOLIELLO, Renata Medeiros. **Abandono, solidão e desistência do amor: o racismo como elemento excludente de mulheres pretas no mercado do afeto**. Revista TOMO, n. 41, p. 87-126, 2022. DOI: 10.21669/tomo.vi41.17483. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/17483>. Acesso em: 3 set. 2024.

ALMEIDA, Silvio. **Feminismos plurais: racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia***. 2008. 317 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organizado por Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Traduzido por Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

TELLES, Edward. **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume Dumará Editora, 2003.

SANTOS, Yane Lopes dos. ***Racismo Brasileiro: Uma História da Formação do País.*** São Paulo: Todavia, 2022.